



“MESMO SPORTISTA, NÃO ESQUECE A MULHER, O ENCANTO DO SEU SEXO”: AS ROUPAS ESPORTIVAS NO BRASIL (1930-1940)¹

Carmen Lúcia Soares²

RESUMO

Este texto analisa reportagens, publicidade e imagens relativas aos usos de roupas específicas destinadas às práticas corporais e esportivas publicadas no Brasil, em dois periódicos especializados do campo da educação física e do esporte entre as décadas de 1930 e 1940: a) Educação Física: revista de esporte e saúde; e b) Sport Ilustrado.

PALAVRAS-CHAVE: roupas esportivas; gênero; moda;

INTRODUÇÃO

O período recortado expressa de modo mais visível uma profunda transformação na cultura vestimentar, assinalando uma nova sensibilidade urbana que produziu maneiras inéditas de vestir-se cada vez de modo mais específico. É no âmbito da especificidade que as roupas esportivas ganham destaque e tornam-se, pouco a pouco, uma necessidade. É também neste âmbito, o da especificidade, que podemos sublinhar um dos aspectos centrais na discussão sobre as roupas: as marcas de gênero.

Em nosso percurso na realização deste trabalho, objetivamos compreender as justificativas higiênicas, morais e estéticas presentes nos argumentos concernentes ao uso de roupas específicas para essas atividades desenvolvidos no período. Se este trabalho se refere, especificamente, às roupas, seria oportuno assinalar que os ornamentos, as pinturas, e todas as marcas da cultura que incidem sobre o corpo também o “vestem” com traços singulares e marcam as diferenças de gênero, aspectos que, todavia, não serão objeto de nossas análises.

A ROUPA COMO ARTEFATO DA CULTURA MATERIAL

Se pensarmos em uma perspectiva mais ampla, as roupas afirmam traços humanos, revelam pertencimentos ou exclusões, assim como diferenças entre uma *natureza corporal* e as marcas da cultura. Elas constroem, compõem, fabricam as aparências, contam trechos das histórias miúdas, cotidianas, banais, como escreveu Roche (1997), e permitem que aspectos da vida em sociedade sejam compreendidos

¹ O presente trabalho contou com apoio financeiro da FAPESP.

² Faculdade de Educação Física, UNICAMP, Pesquisadora do CNPq, carmenls@unicamp.br

de maneira mais profunda. Fabricam necessidades, instituem formas de proteção e conforto, mas também alimentam a artificialidade, o sonho, a sedução e, de maneira constante e sistemática, constituem, em profundidade, uma *educação do corpo*.

A função de proteção dada pela roupa, elementar, sem dúvida, pode ser considerada como aquela que permite vislumbrar outras características e particularidades. Roche (1989), analisando essa função, nela encontra um leque de racionalidades e significações diversas e, entre elas, aquela elaborada pelos médicos que, entre os séculos XVII e XX, faziam das roupas um elemento importante nos cânones da saúde, alertando, entre outros aspectos, para os benefícios e os perigos da exposição do corpo ao ar e, principalmente, ao sol. Podemos reafirmar que o gesto de cobrir o corpo, seja com roupas, seja com adornos diversos, seja mesmo com pinturas, ou com uma tênue nuvem de fumaça, é um traço fundamental de cultura e civilização, de diferenciação do ser humano e de outros animais e mesmo de plantas.

Elemento da cultura material, as roupas representam também uma acumulação de conhecimentos científicos, de técnicas e de tecnologias, e são uma resposta humana às agressões do meio. Elas permitem pensar o sensível e todas as relações entre os indivíduos e os objetos, inserindo-se, portanto, na história do corpo, da beleza, e também na história da educação, da saúde, da higiene, do mercado e do consumo, das mulheres, entre tantas outras histórias, pois, são “[...] como as palavras de uma língua que é necessário traduzir e explicar” (ROCHE, 1989, p. 48). Elas indicam, assim, maneiras de viver, pertencimento, distinção.

Como assinalou Bourdieu (2007), a distinção expressa-se em detalhes e, especialmente, em coisas aparentemente banais. Daí ser apropriada uma aproximação com o debate acerca do fenômeno *moda* na vida em sociedade. Simmel (1989) sublinha a estreita relação entre vida urbana, individualismo e moda nas sociedades industriais. Já no início do século XX, ele pensava a moda como manifestação privilegiada da realidade social e ressaltava que “[...] o modo de andar, a cadência, o ritmo dos gestos são, sem dúvida, essencialmente determinados pelo vestuário; homens vestidos de modo semelhante comportam-se de modo relativamente semelhante [ela é] um produto da divisão de classes” (SIMMEL, 2008, p. 29-30). Também Walter Benjamin (2007) não foi indiferente ao fenômeno *moda* e, ao pensar a cidade, assinalou a roupa como elemento de *distinção*, como traço de classe, ou, ainda, como elemento que marca a singularidade das atividades humanas aspecto que, sem dúvida, permite pensar nas diferenças de gênero presentes nas roupas específicas destinadas aos exercícios físicos e aos esportes, diferenças que não cessam de se aprofundar.

ROUPAS ESPORTIVAS³: ELEGÂNCIA, CONFORTO E EFICIÊNCIA

A revista *Sport Illustrated*, em seu número 19, de agosto 1938, apresenta alguns modelos de roupas especiais destinadas à prática esportiva de ambos os sexos, mas, quando se refere às mulheres, afirma que

[...] qualquer que seja a resposta, o certo é que já constitui uma preocupação universal, a atenção dos técnicos para os trajes femininos, que melhor

³ Sobre as roupas esportivas no Brasil ver Soares (2011).

se prestem às encantadoras e caprichosas *sportwomen*, mais severas nas exigências reveladoras do bom gosto e do *raffinement* da arte de vestir com elegância e *it*, do que mesmo no treino e pratica do sport a que entenderam dar preferência [...] (SPORT ILLUSTRADO, n.19, 1938, p.XX)

Mesmo gerando essa distinção e colocando o quesito elegância em primeiro plano para as mulheres, não é possível negar que certas peças de roupas e calçados, como foi o caso das calças compridas, pantalonas, shorts e saias-calças, alpercatas e tênis, constituíram hiatos de conforto e de quase igualdade entre os sexos para a prática esportiva. Mulheres velejadoras, alpinistas ou praticantes de equitação experimentaram uma igualdade vestimentar e, sem dúvida, uma liberdade maior em seus gestos. Algumas peças de roupa, além das calças compridas, foram bastante revolucionárias no quesito conforto, sendo a saia-calça um bom exemplo. Ela foi bastante usada desde fins do século XIX em diferentes modalidades esportivas e, até mesmo, em um simples passeio de bicicleta⁴. Se a prática de exercícios físicos e de esportes fora antes realizada com roupas comuns, como, por exemplo, roupas de verão, ou mesmo as saias longas e rodadas utilizadas largamente para a prática do tênis entre as mulheres, o período analisado nesta pesquisa marca, de maneira bastante evidente, um processo de ruptura, invertendo lógicas e valorizando, de maneira profunda, aquilo que se veste com especificidade no esporte.

O *futebol* também surgiu, nas páginas das revistas analisadas, como prática corporal possível para as mulheres, e os equipamentos necessários, entre eles, a roupa e os calçados especiais, indicando que se deveria “[...] usar sapatos de borracha evitando chuteiras comuns; [...] uniformes apropriados, limpos e folgados, que não [...] embarquem a amplitude dos movimentos; evitar os jogos em certos períodos; etc...”⁵

AS ROUPAS DE BANHO - DESIGUALDADE E PEQUENAS CONQUISTAS DAS MULHERES

De uma maneira geral, as mulheres surgem à cena no campo esportivo bastante marcadas e determinadas por uma *natureza* implacável (SOARES, 2013) que, fatalmente, as tornaria mais frágeis, débeis e impossibilitadas de alcançar as qualidades físicas do sexo oposto. Até a primeira década do século XX, por exemplo, os trajes de banho femininos eram constituídos pelas roupas do cotidiano, e mesmo o espartilho era recomendado. Camisas com mangas longas, saias que iam até o chão, sapatilhas, grandes chapéus, luvas e lenços eram o “traje de banho” das mulheres. Também as *cabanas de madeira* eram usadas para “protegê-las” do olhar do outro tanto no momento em que trocassem de roupa à beira da praia, quanto para conduzi-las até à água (CRANE, 2006, p. 237-238). Trajes de banho com características mais apropriadas para essa atividade no Ocidente foram, lentamente, sendo desenhados e aceitos também para as mulheres e os [...] balneários de verão eram laboratórios

4 Ver por exemplo: “Trajes Sportivos: a moda no sport ou o sport na moda?” In *Sport Ilustrado*, n. 19, 1938 p. ; “Higiene culturista da mulher-Esporte benéfico: a bicicleta”. In *Educação Física: revista de esporte e saúde*, nº 38, 1940, p.39;67; Ciclismo, um esporte agradável e utilitário: sua história e sua prática”. In *Educação Física: revista de esporte e saúde*, n. 40, 1940, p. 19; “Higiene culturista da mulher-Esporte benéfico: a bicicleta”. In *Educação Física: revista de esporte e saúde*, nº 38, 1940, p. 39;67.

5 “Pode a mulher jogar o futebol?” In *Educação Física: Revista de Esporte e Saúde*, n. 46, 1940, p. 18, 19 e 20.

de moda em que os ricos chegavam a experimentar novos modelos de roupa e estilos de comportamento” (CRANE, 2006, p. 237).

O maiô de duas peças, ou seu modelo mais sumário, o *biquíni*, é um exemplo bem interessante desses novos trajes de banho em que o desnudamento sucessivo de partes do corpo, até então bem cobertas, começa a se impor. Nos anos de 1930, o ventre se exhibe timidamente com esse novo traje, momento em que o banho de sol já é percebido como um grande prazer.

O hábito de tomar banhos de sol (pois a moda do corpo bronzeado já se instaurara desde os anos de 1920), assim como de tomar banhos de mar, rio e piscinas, de praticar diferentes esportes bem como simplesmente andar de bicicleta, vai definir certos modelos de roupas de banho e das roupas em geral, afirmando influências e afinidades.

Um mundo mais especializado e atravessado por discursos de natureza científica alcançou, de maneira notável, a prática de exercícios físicos e de esporte, sendo a roupa, os calçados, objetos privilegiados de atenção. Se o ato de se vestir de maneira especial para atividades distintas já era algo dado nesse período, sua extensão para as práticas corporais e esportivas foi uma novidade que pôs em xeque valores, ultrapassou fronteiras, libertou e oprimiu corpos em movimento. Praticar exercícios físicos ou algum esporte exigia mais que habilidade e vontade, exigia elegância.

O que seria pertinente sublinhar a título de finalização dessa breve exposição, é o fato de que, mesmo que o número de praticantes não fosse significativo no Brasil do período aqui analisado, a emulação criada pela valorização do corpo em movimento e do uso de roupas especiais para a prática de esporte e de exercícios físicos foi vigorosa e um estilo de vida afirmou-se. Usar roupas inspiradas em modelos esportivos é algo que foi lentamente ganhando espaço ao longo do período estudado, para afirmar-se em décadas posteriores, quando uma verdadeira indústria de roupas e materiais esportivos se instalou no Brasil.

Para os propósitos desta apresentação, caberia tão somente dizer que a roupa especial destinada aos exercícios físicos e ao esporte se insere naquilo que Roche (1997) afirmou em relação às roupas em geral, ou seja, *que ela faz parte de uma história das coisas banais*. História que, longe de ser desprezível, ou, ainda, menor, pode constituir-se em importante trecho de compreensão acerca de nossos corpos e dos modos como são educados, sobretudo, dos modos como nossas sociedades ocidentais concebe o ato de vestir-se e de estar nu.

“EVEN AS A SPORTSWOMAN, DO NOT FORGET THE CHARM OF YOUR GENDER”: SPORTSWEAR IN BRAZIL (1930-1940)

ABSTRACT: This paper analyses newspaper reports, publicity and images related to the uses of clothing destined specifically for body practices and sports, published in in two Brazilian journals specialized in the fields of physical education and sports in the 1930s and 1940s: a) Educação Física: revista de esporte e saúde; and b) Sport Ilustrado.

KEYWORDS: sportswear; gender; fashion;

“MISMO SPORTISTA, NON OLVIDA LA MUJER, EL ENCANTO DE SU SEXO”: LAS ROPAS DEPORTIVAS EN BRASIL (1930-1940)

RESUMEN: Este texto analiza reportajes, publicidad e imágenes respecto a los usos de las ropas específicas destinadas a las prácticas corporales y deportivas publicadas en Brasil, en dos periódicos

especializados del campo de la educación física y del deporte entre las décadas de 1930 y 1940: a) Educação Física: revista de esporte e saúde; y b) Sport Ilustrado.
PALAVRAS-CHAVE: *ropas deportivas; género; moda;*

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, W. **Passagens**. Belo Horizonte: UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.
- BIBLIA SAGRADA. **Antigo e Novo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. Gênesis (cap. III, IV, p. 5),
- BOURDIEU, P. **A Distinção (1979)** São Paulo: Edusp e Porto Alegre: Zouk, 2007.
- CRANE, D. **A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas**. São Paulo: SENAC, 2006.
- ROCHE, D. **Cultures des apparences: une histoire du vêtement XVI è me-XVIII é mesième**. Paris: Fayard, 1989
- _____. **Histoire des choses banales: naissance de la consommation (XVII-XIXème siècle)**. Paris: Fayard, 1997.
- SIMMEL, Georg. **Philosophie et Sociologie de la Modernité**. Paris: Payot, t. 1, 1989.
- _____. **Filosofia da Moda e outros escritos**. Lisboa: Texto & Grafia, 1905; 2008.
- SOARES, C. L. **As roupas nas práticas corporais e esportivas: a educação do corpo entre o conforto, a elegância e a eficiência (1920-1940)**. Campinas: Autores Associados, 2011.
- _____. Das entranhas dos corpos femininos: sangue e loucura. In: MUCHAIL, Salma; FONSECA, Marcio A.; VEIGA-NETO, Alfredo. (Org.). **O Mesmo e o Outro: 50 anos de História da Loucura**. Belo Horizonte: Autentica, 2013, v. 1, p. 247-259.

FONTES

- Educação Física: revista de esporte e saúde, n° 38, 1940*
- Educação Física: revista de esporte e saúde, n. 40, 1940*
- Educação Física: revista de esporte e saúde, n° 38, 1940*
- Educação Física: Revista de Esporte e Saúde, n. 46, 1940*
- Sport Ilustrado n° 6, n. 1938*
- Sport Ilustrado, n. 19, 1938*